

O TRABALHO COM O GÊNERO TEXTUAL CORDEL PARA DESENVOLVER A LEITURA, ESCRITA E REESCRITA

Jamires Felix BEZERRA

jamiresfelix@hotmail.com

Universidade Estadual de Alagoas/ UNEAL

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo mostrar que o Cordel pode ser utilizado, nas aulas de Língua Portuguesa, como um instrumento a mais para o estímulo à leitura e à escrita de alunos do Ensino Fundamental II. Esse poema popular nordestino é um instrumento valiosíssimo para o trabalho em sala de aula com a linguagem, retratando de maneira poética diversas reflexões sociais. Com base nos textos de Bakhtin (2000), Bortoni- Ricardo (2008), Marcuschi (2008), Pinheiro (2001), Matêncio (2006) e outros, delinea-se a parte bibliográfica desse trabalho, que discute língua e linguagem, língua culta e não culta, gênero textual e Cordel, subsidiando, assim, a parte descritiva, contendo análise de corpus, formado por registros e textos produzidos pelos alunos de uma escola pública de Palmeira dos Índios, Alagoas. Os dados serão coletados na segunda parte da pesquisa, quando será desenvolvida sequência didática que envolve leitura, interpretação e produção de Cordel e, na sequência, estudo dos problemas detectados nos textos produzidos, a fim de possibilitar a reescrita e a retextualização. Pretende-se, com este estudo, que integra o subprojeto PIBID/ CAPES/ UNEAL *Reescrita e Retextualização de gêneros textuais: uma proposta para a prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa*, contribuir para que esse gênero, pouco valorizado na literatura trabalhada na escola, encontre espaço e adeptos para a continuidade desse tipo de arte popular.

Palavras-Chave: Leitura. Cordel. Produção Textual.

Considerações iniciais

O presente trabalho tem como objetivo mostrar que o Cordel pode ser um instrumento a mais nas aulas de Língua Portuguesa/ LP, proporcionando ao alunado a aprendizagem da história literária e, através de leitura e reflexão, a aquisição de habilidade para a produção e reescrita de texto. Neste momento, apresenta-se apenas um recorte do estudo que será desenvolvido em uma sala de aula do Ensino Médio de uma escola da rede pública da cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas.

Através de estudo, inicialmente bibliográfico, com base em textos de Bakhtin (2003), Marcuschi (2010) e Pinheiro (2007), apresenta-se um direcionamento para o ensino aprendizagem de literatura, voltado para a originalidade do poema popular nordestino e para a diversidade de conhecimento que repousa no gênero textual Cordel.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs (BRASIL, 1998) dizem que os gêneros textuais são de total importância na prática docente, como ferramenta para reflexão. Nesse sentido, os PCNs passam a nortear de maneira significativa o ensino de língua portuguesa, com especial atenção para os trabalhos de leitura e produção textual, contribuindo para o conhecimento discursivo e para a aptidão linguística.

Os gêneros classificam-se como gêneros primários e secundários. Os gêneros primários são menos complexos e estão inseridos em conversas informais e formais; os gêneros secundários, no qual se enquadra o Cordel, por conta da estrutura, possui um formato padronizado e complexo, mas influenciado pelo gênero primário.

Por ter o cordel uma linguagem mais próxima do convívio social dos alunos, esse tipo de texto pode proporcionar uma rica discussão sobre o contexto literário, a língua e a linguagem; sobre a língua culta e a não culta; sobre estrutura de textos, possibilitando que o aluno trabalhe oralidade e escrita, expressando o conhecimento em versos.

Feitas as considerações iniciais, faz-se necessário, para uma abordagem do trabalho do professor em sala de aula com o Cordel, falar um pouco sobre a formação desse docente; a diversidade social, considerando o alunado e as formas de linguagem; e o trabalho com o gênero textual Cordel.

Professor crítico e reflexivo

A grande problemática da educação hoje se encontra não somente nas precárias condições em que estão as escolas e seu sistema, com um modelo falido de educação, mas também em carências que surgem no seio da formação docente. A maioria dos profissionais de LP não consegue desenvolver de maneira satisfatória as diretrizes exigidas pelo seu curso de licenciatura. Com carências que vão da fala à escrita, motivadas pela fraca formação trazida do ensino básico, e devido a lacunas não preenchidas posteriormente, o educador não se constrói como formador crítico/reflexivo de conhecimento, tornando-se apenas um transmissor que perpetua um ensino que foca apenas no professor.

Como professor crítico, sou uma (sic) “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do diferente que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a *franquia* de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. (FREIRE, 1996, p.55)

A responsabilidade do professor de LP, como frisa Freire, está além do que se pode imaginar; é exigido desse profissional que deseja e precisa fazer a diferença um conhecimento refinado, que esteja sendo lapidado gradativamente durante o curso de formação. Depois disso, o professor deve possuir habilidade para lidar com diversos públicos, do sociocultural ao socioeconômico, o que exige desse professor um

posicionamento respeitável aos saberes do educando. A partir de tais argumentos, faz-se necessário uma carga de leitura e pesquisa contínua e sistematizada da especificidade de sua área de atuação.

O Brasil apresenta índices alarmantes e preocupantes de evasão da sala de aula e incontáveis problemas a serem enfrentados na educação, tornando o ato de ensinar um desafio no qual uma minoria ousa se aventurar. O professor de LP, mais do que qualquer outro, necessita ser crítico e reflexivo perante a sua própria prática docente, não se satisfazendo apenas com a formação acadêmica. Necessita buscar um saber contínuo, que contribua para amenizar as dificuldades que encontrará no magistério. Nesse sentido, Freire (1982, p.52) afirma:“(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. É preciso saber lidar com as dificuldades encontradas em sala de aula, principalmente no que diz respeito à diversidade, humana ou linguística.

A diversidade na sala de aula

Ensinar exige pesquisa, coloca Freire (1996), pois não existe ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino; dessa maneira, é possível aprimorar os saberes que estão sendo transmitidos para o educando. O professor precisa se comprometer com o ensino, conscientizando-se e responsabilizando-se no seu próprio papel de formador de indivíduos críticos. Conforme Freire (1996, p.32):“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. O professor que se atualiza consegue inovar, contribuindo para que ele e o alunado desempenhem de forma satisfatória o trabalho de pesquisa e reflexão crítica sobre o que lhes é apresentado.

O ato de ler é fator precursor na formação do professor, porque instiga a sede pela busca do saber, edificando-o; diferentemente, o saber inerte liga à morbidez do aprendizado decorativo, no qual práticas arcaicas se veem centralizadas. A leitura leva

a uma estruturação do conhecimento como suporte para os novos saberes. Freire (1982) enfatiza, em sua obra **A importância do ato de ler**, que não há vida sem correção e tampouco sem retificação, e é nessa linha de pensamento que se entende o quanto o conhecimento de mundo deve ser sempre aprimorado e sistematizado, tanto na formação docente como na prática educativa. Nesse sentido, Freire (1982, p.11-12) acrescenta:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Nessa mesma linha de pensamento e a partir de experiências no magistério, Silva (2011) fala sobre a importância da compreensão do texto lido não apenas como decodificação, mas com um novo direcionamento de leitura que possa captar o que está implícito nas entrelinhas. Tem-se um alunado crítico quando o próprio professor sabe se situar sobre os textos trabalhados e, diante das diversidades encontradas na sua jornada docente, sabe fazer inferências de maneira a fazer com que o aluno consiga refletir e posicionar-se sobre o que é apresentado.

De fato, o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor, numa determinada obra. O “compreender” deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto, assim como através do seu conteúdo, ou seja, o texto como uma percepção ou panorama dentro do qual os significados são atribuídos. Nesse sentido, não basta decodificar as representações indiciadas por sinais e signos; o leitor (que assume o modo da compreensão) porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se. (SILVA, 2011, p.49-50)

Com isso o autor intensifica a importância que a leitura tem e coloca que a leitura se encontra intimamente ligada com o sucesso acadêmico daquele que apreende. Na busca de novas metodologias, o professor tem de estar apto para abranger sua busca por novas formas de transmitir o conhecimento, servindo de modelo para o aluno que se constrói tomando como base seu mestre. O professor deve mostrar ao aluno que existe um leque de saberes, os quais serão desvendados a partir da leitura, instrumento de acesso à cultura e à reflexão. Nessa perspectiva, os PCNs (BRASIL, 1998) vêm assegurar a responsabilidade da escola em garantir o acesso dos alunos aos saberes linguísticos, a fim de que eles se tornem pessoas críticas.

Os PCNs indicam o trabalho com os gêneros, por eles estarem presentes no contexto sociocultural do indivíduo. Marcuschi (2011) afirma que os gêneros textuais são tão antigos quanto a linguagem, mas que, ao longo do tempo, eles se renovam ou são transformados, logo são imprescindíveis. Os gêneros textuais se efetivam em determinada situação comunicativa, sendo também caracterizam um tempo sócio histórico.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas. Mas claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, do grau de formalidade ou da natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). (*Apud* MARCUSCHI, 2011, p.18)

Tamanha é a flexibilidade, que o gênero se abre a uma variedade de funcionamentos, trabalhando com dinamicidade, tanto social quanto linguística. É sensível à realidade do momento sócio histórico em que foi produzido. Mesmo um

gênero possuindo características próprias, pode se modificar ao longo do tempo, atribuindo a si características de determinada época.

A escola tem papel fundamental no trabalho com esses textos que fazem e farão parte do cotidiano do aluno e, por isso, precisa induzir os discentes a produzirem textos orais e escritos, partindo do contexto social do qual o aluno faz parte. Assim, a leitura será bem mais que a decodificação e o aluno será estimulado a produzir textos dentro e fora da escola, refletindo sobre os temas e correlacionando-os com o próprio ambiente sociocultural.

Um dos gêneros textuais mais populares na região nordeste é o Cordel e tem grande valia no trabalho em sala de aula por ser um texto muito próximo da produção textual dos alunos e por refletir problemas sócio-político-culturais dessa região. Nesse sentido, esse estudo volta-se para o trabalho com Cordel, um gênero considerado uma arte menor e, de certo modo, desprivilegiado nos meios acadêmicos.

Cordel um gênero que encanta e educa

O cordel surgiu na Europa e teve suas primeiras criações por lá. Trazido para o Brasil pelos portugueses no século XVII, só se manifestou no Brasil no século XIX, originado a partir de relatos orais e, depois de muito tempo, escrito. Obteve grande sucesso por ter sua poesia narrada em prosa ao transmitir fatos do cotidiano de um lugar ou determinada região. Sua popularização deu-se através da impressão em folhetos, que eram pendurados em barbante, ou cordéis, para serem vendidos. Os folhetos eram e são vendidos geralmente pelos próprios autores por um preço bem acessível, o que facilita ainda mais sua propagação; possui tom humorístico, podendo ser cantado, acompanhado de um violão ou mesmo narrado.

A temática narrada no Cordel é riquíssima vai do relato do cotidiano a temas polêmicos que fazem uma reflexão da sociedade de sua época. Por isso, é um instrumento valiosíssimo para se trabalhar com estratégias de leitura e escrita, tanto na forma culta como na não culta. Transmite, principalmente, riquezas culturais do

Nordeste - região que ganhou bastante destaque entre as demais regiões-, mostradas a partir da expressividade de autores numa literatura popular que é fonte de reflexão.

Um dos poetas precursor do Cordel no Nordeste foi o mestre de Pombal, Leandro Gomes de Barros, que obteve uma boa desenvoltura na métrica. Muitos foram os folhetos produzidos por este autor, já que esse era o seu meio de ganhar a vida. Autores mais atuais, como José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré, dentre muitos outros, também produziram belíssimos cordéis. Alguns, como João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna, mesmo sem produzirem cordéis, foram influenciados por este gênero.

A estrutura do Cordel pode ser dividida em quintilha (cinco versos), sextilha (seis versos), septilha (sete versos), quadrão (oito versos) e décima ou martelo (dez versos). O tema desenvolvido no cordel é bem variado; na maioria das vezes, são temas populares, que refletem o humor e a criticidade do autor, indo do humor à sátira, classificados como peleja ou desafio, muitas vezes, criados pelos autores no improviso. A ilustração da capa do Cordel é em xilogravura, técnica vinda da China para o Brasil. As sextilhas são as mais produzidas pelos autores; um exemplo de sextilha bem popular, composta por Leandro Gomes de Barros, é **O cavalo que defecava dinheiro** (BARROS, 1999), narrando a história de um fazendeiro ganancioso que tenta se aproveitar de um de seus empregados para adquirir um bem possuído por ele.

O cavalo que defecava dinheiro

Na cidade de Macaé

Antigamente existia

Um duque velho invejoso

Que nada o satisfazia

Desejava possuir

Todo objeto que via

Esse duque era compadre
De um pobre muito atrasado
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado
Sustentava seus filhinhos
Na vida de alugado.
(...)

Observe-se que esta história, narrada em forma de poema, possui grande riqueza discursiva, característica dos cordeis, nos quais são tratados assuntos diversificados, que vão da ética a valores cultivados no seio da familiar.

Os PCNs (BRASIL, 1998) indicam o estudo deste gênero, entre tantos outros, e direcionam para um trabalho, no qual os alunos compreendam o sentido literal das mensagens, tanto na forma oral como na escrita, atribuindo significado ao que leem, identificando elementos relevantes e propósitos nos quais o autor se baseou para a criação do poema. Por possuir fatos do cotidiano, o gênero textual cordel é bastante acessível para a compreensão do alunado; é uma leitura mais próxima do cotidiano do discente, porque mostra parte do mundo no qual ele se insere.

Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância. Porém, há que se pensar de que modo efetivá-la tendo em vista a formação de leitores. (Marinho e Pinheiro, 2012, p.07)

Os PCNs (BRASIL, 1998) classificam o cordel como um gênero textual carregado de expressividade e características sócio discursivas, excelente para se trabalhar em sala de aula, pelo teor histórico e pela riqueza da linguagem. Segundo Bakhtin (2003), todos os campos que se relacionam à atividade humana estão ligados ao uso da atividade da linguagem. E é nesta linha de pensamento que o autor classifica os diversos textos:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temática) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKTIN, 2003, p.261)

Por sua heterogeneidade, os gêneros textuais tornam-se uma fonte inesgotável para se trabalhar com a diversidade. Bakhtin (2003) faz uma distinção entre os gêneros primários (simples) e os secundários (complexos); o gênero cordel se localiza no discurso secundário, pela estrutura e por ser um gênero literário que possui um formato padronizado e complexo. O autor referenciado retifica que os gêneros primários são componentes que influenciam os gêneros secundários e que estes se renovam e se reorganizam.

Para Bakhtin (2003, p.263)

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado. (...) Esses gêneros primários, que integram os complexos, ai se transformam e adquirem um caráter especial (...).

Rojo (2006) traz à discussão a exigência da escola para que o professor tenha habilidade para trabalhar de maneira ágil, eficaz e criativa os textos que circulam na sociedade, de forma a incentivar a revisão de práticas pedagógicas que possam atingir o público alvo - o aluno. Pinheiro (2007), relatando o primeiro contato dele com a Literatura de Cordel no meio familiar, através do avô que fazia repente, afirma que se

sentiu motivado a trabalhar a poesia em sala de aula. A partir de uma literatura da qual o aluno se sinta parte, porque gosta, conhece, lê, é preciso buscar meios para formar um público crítico.

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento. (SILVA, 2011, p.44)

O texto escrito tem função comunicativa, discursiva e até mesmo linguística específica; dessa maneira, para sua produção é necessário um conhecimento de vários outros gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. O Cordel é construído de acordo com a finalidade e a intenção da produção; além de entreter, pela linguagem simples e rimas envolventes, traz reflexões significativas, ao discutir temas relacionados a dilemas humanos, inovando, renovando e se reorganizando a cada geração que o produz; exemplo claro é o Cordel contemporâneo, no qual são trabalhadas obras literárias, temas sociais, violência dentre outros.

A beleza da poesia popular não deve ser vista como mais um objeto de ensino com meras funções pragmáticas, na qual, além de entreter, se ensina palavras como um amontoado de símbolos para decodificação. O Cordel é um instrumento valiosíssimo, porque, pela beleza literária, pode envolver os leitores, proporcionando, a partir de um poema popular, uma leitura crítico/reflexiva. Remetendo ao **O homem que defecava dinheiro**, de Leandro Gomes de Barros, percebe-se que este Cordel faz alusão a uma situação que pode ser relacionada ao dia a dia de qualquer indivíduo. Em qualquer lugar pode-se encontrar pessoas egoístas, que demarcam territórios e exploram indivíduos que estejam nesses espaços. Considerados propriedades particulares, o espaço pode ser a própria casa, o ambiente de trabalho, o clube, a igreja, a escola, o sítio, a fazenda, entre tantos outros que proporcionam uma grande discussão em sala de aula.

O trabalho com o cordel em sala de aula

As atividades realizadas com o Cordel em sala de aula exigem do docente uma espécie de empatia com o gênero, para que ele trabalhe de forma prazerosa, com afetividade, a fim de que os alunos compreendam a importância desse gênero popular. A realidade sociocultural dos seus alunos e a da escola pode facilitar a realização das atividades, no entanto mesmo em espaços distantes da diversidade do Cordel a atividade com este gênero pode proporcionar discussões riquíssimas. O trabalho com o Cordel presta-se a qualquer ambiente escolar.

Este gênero não pode ser visto apenas como uma fonte de observação de momentos históricos, mas deve trabalhado em toda sua expressividade. Através desse gênero literário, pode-se despertara sensibilidade do aluno e habilitá-lo à escrita do Cordel, com atividades de reescrita e retextualização. Ao valorizar toda a riqueza linguística que esse gênero popular possui, contribui-se para o respeito à norma não culta, mas também se discute norma culta, pois se na reescrita do Cordel deve-se proceder ao aperfeiçoamento da estrutura e do sentido do texto, privilegiando-se neste caso o uso da norma não culta - característica do Cordel -, na retextualização (MATÊNCIO, 2006) – transposição para outro gênero -, pode-se dar preferência ao uso da norma culta. Pode-se mesmo indicar a produção de um Cordel contemporâneo, com uso da norma culta.

O professor pode, ainda, trabalhar, através do cordel, o contexto sociocultural de determinadas regiões, compreendendo as ideologias de determinada época, fazendo, inclusive, a correlação entre esses elementos presentes no Cordel e o contexto no qual os alunos estão inseridos. Os alunos precisam encontrar espaços para discutirem suas vivências, atitudes, reflexões. Isso pode ser feito a partir do incentivo à leitura e produção de Cordel. Nesta mesma ordem de pensamento, Marinho e Pinheiro (2012, p.127) acrescentam:

A ideia de sugerir atividades e procedimentos para serem trabalhados na realidade escolar precisa ser compreendida não como um receituário, antes como pistas para fazer com que a literatura de cordel possa ser experimentada, vivenciada pelos leitores e não apenas observada como algo exótico para alguns.

Cabe ao professor intermediar o conhecimento dessa cultura, conduzindo o aluno ao conhecimento de outras realidades, dando espaço em sala de aula para que os alunos leiam e produzam Cordéis, relatando a própria experiência e reflexão sobre temas variados, aperfeiçoando a própria escrita e vivenciando a escrita de gêneros diversos. É interessante que o primeiro contato seja algo que desperte o interesse o gosto pela poesia e para isso se faz necessário que o folheto ofertado seja de um tema de interesse do aluno, instigando-o à discussão dos temas proposto pelo Cordel, seja estes de cunho ideológico ou humorístico.

Conclusão

As discussões aqui expostas têm o vital objetivo de fazer uma reflexão sobre o uso da literatura de cordel nas aulas de LP, como mais um instrumento que possibilite a aprendizagem do aluno e, também, o contato deste com obras literárias, com especial atenção para o cordel, texto que pode proporcionar uma ampla discussão sobre fatos e problemas do cotidiano, como questões sociais, morais políticas e culturais. Os textos mais próximos da realidade em que o aluno está inserido podem ser trazidos para a sala de aula, a fim de proporcionar uma reflexão sobre o tema abordado, aprimorando as habilidades sócio discursivas, de maneira a não limitar a meras correções gramaticais ou simples interpretações textuais na poesia do Cordel.

O professor precisa buscar práticas pedagógicas que o ajude a trabalhar com a diversidade de gênero, pois os textos são funcionais e cada situação exigirá das pessoas o domínio para produzi-lo. A heterogeneidade no discurso do alunado deve ser identificada e percebida como distinta do uso da norma não culta utilizada no

Cordel para que seja possível ao aluno progredir na aquisição da norma culta, trabalhando a partir de um gênero tão popular e presente na vida dele.

O Cordel revela uma riqueza sócio discursiva e, a partir do estudo desse gênero textual, o alunado pode lançar outro olhar sobre a sociedade onde vive, aprendendo a se posicionar e articular-se de maneira a contribuir para a transformação de seu espaço.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Leandro Gomes de. **História do cavalo que defecava dinheiro**. João Pessoa: Tupynanquim, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.
- MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Práticas discursivas, gêneros do discurso e textualização**. <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/mdlmm.pdf>. Acessado em: 25 de abril de 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3 ed Campina Grande: Bagagem, 2007.
- ROJO, Roxane. O texto como unidade de ensino e o gênero como objeto de ensino da Língua Portuguesa. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Encontro na linguagem: estudos lingüísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2011.